

ACADÊMICO

jornal catarinense de cultura

ANO IV — Nº. 39 — NOVEMBRO DE 1978 —
BLUMENAU — SC. — Cr\$ 5,00.

A Universidade é um privilégio de minorias

A população universitária brasileira é composta por uma proporção cada vez maior de elementos vindos das camadas sócio-econômicas mais favorecidas, mas apesar disso, o rendimento das instituições de nível superior do País decresceu. A conclusão é de um estudo do Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia, que chegou ao Ministério da Educação. O estudo sobre as condicionantes sócio-econômicas do desempenho escolar dos estudantes da UFBA, servirá como base ao desenvolvimento de estudos semelhantes a serem orientados pelos departamentos de assuntos estudantis e universitários do MEC em todo o País.

A elaboração do estudo na Universidade Federal da Bahia foi patrocinada pelo DAE como modelo para o desenvolvimento de pesquisas nas demais u-

niversidades. O levantamento da situação sócio-econômica do estudante universitário brasileiro, que, deverá estar completo até o final do ano que vem, servirá de base à política de ação de assistência ao estudante pelo Ministério da Educação e Cultura.

“Estudo da UFBA é um modelo para uniformização das pesquisas no setor, — explicou o professor Cleto de Assis, diretor-geral do DAE. — Já existem vários trabalhos, mas realizados de uma forma irregular, adotando técnicas de avaliação diferentes, que não podem ser utilizadas como base para a orientação de uma política de ação”.

Apoiando-se em dados estatísticos do MEC, o estudo não se restringe apenas à Universidade Federal da Bahia: em sua introdução, toma como base o desempenho de toda a U-

niversidade Brasileira nos últimos anos, para uma comparação analítica dos resultados obtidos em Salvador.

O estudo conclui, em suas considerações gerais, que, embora se possa constatar um aumento percentual de vagas de ingresso, o número bruto de candidatos que não ingressaram no ensino superior também continua crescendo, ao mesmo tempo em que constata a seletividade sócio-econômica da população universitária, “motivada pela privatização crescente do ensino e pelo número bruto cada vez maior de candidatos que não logram acesso ao ensino superior”.

A pesquisa aponta o fato de que, apesar disso, o rendimento médio da universidade brasileira decresceu muito, sobretudo a partir de 1971, época que coincide com a implantação da reforma do ensino.



Robô da Educação
está sem bateria

Página 8

E os Estudantes?

A introdução da disciplina de ecologia nos currículos escolares, visando construir nas classes estudantis sentimento de respeito à natureza, certamente será indiretamente, de grande alcance científico.

As campanhas ecológicas, a partir daí, teriam maior repercussão. Paralelamente, o exercício constante de fiscalização nas áreas agrícolas e a adoção de medidas pró-natureza, aliada a um maciço investimento de tecnologia e recursos humanos, constituir-se-ão de dispositivos para fazer frente ao problema e abrir novas perspectivas para uma solução a médio prazo.

A preservação do meio ambiente, a manutenção da fauna e da flora não são atributos essencialmente dos ecólogos. Todo o brasileiro tem o dever patriótico de pugnar em prol da não destruição das potencialidades naturais.

Ou nós mantemos os recursos naturais e provemos de condições para o prosseguimento da vida humana na terra, ou continuamos com nossa habitual complacência a observar a morte lenta e gradual da natureza, o que significa, por extensão, a nossa destruição.



Entrevista - I - Com Carlos Schier

ACADÊMICO

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker Pen do Brasil em todo o território nacional.

Fundadores

Seus fundadores são:

Oldemar Olsen Jr.

Maria Odete O. Olsen

Domingos Sávio Nunes

Roberto Diniz Saut

Fred Richter

José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, a polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta. Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe, dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

EXPEDIENTE

Diretor Responsável — Oldemar Olsen Jr.

Redatores — Maria Odete Onório Olsen; Roberto Diniz Saut; Celso Vicenzi; Alexandre Hackbarth.

Colaboradores — Intelectuais gente com idéias, enfim, elementos que ainda acreditam e por isso continuam brigando junto conosco por algo melhor.

3 Revistas da Pesada

Ensaaios de Opinião

Revista que publica ensaios, atinge agora o seu número 9. Publicada pela Editora Paz e Terra S.A., tem entre os seus colaboradores e conselho editorial, os seguintes nomes: Antônio Calado, Antônio Candido, Fernando Henrique Cardoso, Millôr Fernandes, Celso Furtado, Fernando Gasparian, Alceu Amoroso Lima, Luciano Mar-

tins, Francisco de Oliveira, Paul Singer, Francisco C. Weffort, Ruth Cardoso.

A revista circula periodicamente e pode ser encontrada em qualquer banca.

Os pedidos podem ser feitos para a Editora Paz e Terra S.A. Rua André Cavalcanti, 86 Fátima — Rio de Janeiro 20.000.

Repórter

Revista mensal editada pela Editora Três. Publica reportagens, entrevistas.

Tem entre os seus editores os seguintes nomes: Paulo Patarra, Hamilton Almeida Filho, Mylton Severiano da Silva, Paulo O. Lafer de Jesus, Amilton Vieira, Antônio Carlos Coutinho, Gulilherme Cunha Pinto, Uirapuru Mendes, Caco Barcelos, Fernando

Morais, Ivo Patarra, Elmar Bones, Joel Rufino dos Santos, João Antônio, Lourenço Diaféria, Jan Rocha e outros.

Circula, também nas bancas e pode ser pedida pela Editora Três Ltda. Av. Paulista, 2006 CP 7481 — 15º andar São Paulo — SP 01.310.

Singular & Plural

Revista mensal, recentemente lançada em São Paulo, traz em seu número 1, importantes reportagens. Editada pela Global Editora e Distribuidora Ltda. Tem entre os seus editores, os seguintes nomes: Audálio Dantas, Marcos Faerman, Carlos Clémen, Vitor Vieira, Fernando Moraes, Carlos A. Dória, Rodolfo Konder, Jorge Escosteguy, Osmar Freitas Jr., Moacir Amancio, Cláur-

dio Willer, Mirna Grzich, Marcus Pereira, Ruth Escobar, Lourenço Diaféria, Sérgio Lima e outros.

Com distribuição nas bancas de revistas pode ser pedida à Global Editora e Distribuidora Ltda. Caixa Postal 45.329, Vila Mariana — São Paulo — SP. Rua José Antonio Coelho, 814—04.011.

LEIA,
DIVULGUE
E ASSINE.

Acadê-
mico



MINI MERCADO
FIAMBRERIA GLOBO

Rua XV de Novembro, 1464
(em frente ao Banco do Brasil)
Fone: 22-5036

Blumenau Santa Catarina
ENTREGA A DOMICILIO

Destruição Ecológica no Oeste Catarinense

Na verdade, o Brasil caracteriza-se por ser um país onde a natureza vem sofrendo as consequências de uma falta total de consciência, por parte do povo, das autoridades e dos trabalhadores.

A destruição das áreas verdes, a matança irracional da fauna a poluição do ar e água, a falta absoluta de controle dos recursos naturais e a pouca atenção dada ao assunto, são as linhas mestras de um denegrido quadro que estamos pintando.

Vejamos algumas previsões feitas pelos ecólogos: o Nordeste brasileiro é uma área prestes a se tornar um deserto; a Amazonia poderá transformar-se em uma região quente e inabitável; o Pantanal Matogrossense poderá tornar-se um cerrado estéril; a erosão provocará o desaparecimento das terras férteis do Norte do Paraná; a Serra do Mar poderá ruir e São Paulo será afetada por gases venenosos. A previsão é lógica e científica, a partir das constatações do mau aproveitamento que temos feito da natureza.

Já estamos sentindo os devastadores resultados de nossa própria ação no meio ambiente e as soluções exigem rápida aplicação prática. Torna-se mister que haja imediata e correta reorganização de nossos métodos de aproveitamento dos recursos naturais.

NA REGIÃO

No Oeste Catarinense, a situação é idêntica. A ação devastadora das serrarias, a exemplo do que aconteceu em todo o Estado de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, e Rio Grande do Sul, deixou triste saldo aos oestinos. Pior que isso, é a verificação

de que as queimadas criminosas prosseguem impunemente, a caça a todos os integrantes da fauna silvestre não foi freiada e a pesca continua até em época de procriação, ocasionando a destruição das espécies e impedindo sua multiplicação.

Recentemente, em visita a Chapecó, o Delegado Regional do IBDF, engenheiro agrônomo Gilberto Primo Scheffer, afirmou taxativamente que "o Oeste está ficando careca". Ele acrescentou: "Conheço a região há bastante tempo e, comparando-a, com a situação de alguns anos atrás, fico apreensivo ao ver a rapidez com que as florestas estão sendo destruídas, sem nenhum respeito".

Na verdade, a manifestação do representante do Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal trazia em seu bojo nada mais que uma constatação já feita por outros técnicos, mas nunca tornada pública.

As últimas ocorrências de caráter climatológico avilam a importância do problema. A solução da regularidade do inverno, verão outono e primavera, atesta o fato de que o equilíbrio ecológico está sendo definhado aos poucos. Os agricultores do Oeste sofreram pesadas perdas com o calor estemporâneo verificado, e continuarão a sofrer enquanto não lhes for inculcido o respeito para com a natureza.

O REVIDE

De cada crime que o homem pratica a natureza, o revide se faz sentir com maior violência. Há necessidade de reanalisarmos nossas atitudes e criarmos uma consciência nacional de compreensão pa-

ra o assunto. Em contrário, ele jamais será equacionado.

Quando colocamos abaixo uma floresta, não estamos apenas massacrando os animais e lhes tirando o habitat e fontes alimentícias. Estamos assinando nossa própria declaração de morte. A partir daí haverá enchentes e secas, pois não existirá mais a presença da flora para regular as precipitações e impedir a erosão. O vento iniciará seu efeito erosivo, pois a terra não terá mais a proteção das árvores. A chuva agirá de igual forma. Além disso, os rios secarão porque as correntes subterrâneas não serão mais alimentadas.

Em consequência, a navegação fluvial será paralisada. A região, outrora rica hospitaleira, transformará-se num deserto estéril e inóspito.

Por outro lado, o clima ficará mais quente, pela ausência do oxigênio antes liberado pelas plantas, o clima se modificará negativamente, e, tornará a região mais quente pela presença maior de gás carbônico. As águas pluviais não penetrarão na terra, pois a camada de matéria orgânica que a cobre — o humus — será destruída.

Esta situação, se bem que em menor intensidade, se registra no Oeste, causando prejuízos à economia. É o equilíbrio ecológico sendo rompido a ferro e fogo, é a ignorância prevalecendo sobre o bom senso, é a falta de órgãos especializados para orientar as classes rurais, é a total falta de espírito humanitário, é o criador de gado derubando a mata para o seu rebanho ocupar lugar, é uma região sofrendo um paulatino processo de depauperação.

A afirmação do coordena-

dor do IBDF, Gilberto Scheffer, é corroborada pelo viajante que parte de Florianópolis e atravessa todo o Estado. A imagem é uma só: a carencia de áreas verdes. No Oeste, o panorama não muda. Percorrendo toda a região, até São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira, o viajante não terá muito para apreciar.

Em contrapartida, prosseguem as repudiadas queimadas, esterilizando o solo e formando uma camada compacta que impede a penetração das águas pluviais.

SITUAÇÃO EXTREMA

Chegamos ao extremo de nos decidirmos: ou defendemos nossa fauna e flora, ou eles desaparecerão para sempre. Uma variada gama de espécies de animais, abundantemente encontrados na região, hoje estão em vias de extinção, satisfazendo as pretensões desenfreadas dos caçadores, dos depredadores. O controle da caça tem se mostrado inepto, embora tenha ela diminuído de intensidade.

Inegável se tornou que a legislação específica de preservação dos recursos naturais não surtiu os efeitos esperados. Ela carece de infraestrutura, não dispõe de elementos de fiscalização, não tem valia real e é completamente ineficaz.

Precisamos antes de tudo, tomar consciência da realidade brasileira e do risco que corremos, para preservar o que ainda existe e para restaurar o que perdemos. Resalte-se, entretanto, que muitas dessas perdas são irreversíveis, não havendo mais condições de sanar os males causados à natureza.

Marcos A. Bedin

FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.

Rua Itamonte, 58
 Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA

Rua Monte Alegre, 1434
 05.014 — São Paulo — (SP)

HUMOR

Estórias Curtas

CARLOS ADAUTO VIEIRA

A estória de domingo último motivou comentários, risos, caras feias pela carapuca sem intenção, alguns telefonemas anônimos, dentre os quais vou reproduzir o que me pareceu mais curioso.

A voz traía alguém de mais de cinquenta anos e com ascendência estrangeira.

Cumprimentou-me, disse gostar muito de ler aquelas coisas que eu publicava no jornal, mas eu estava de parábens pela última.

— O senhor sabe, aquilo é uma verdade. Agora mulheres, mesmo, as senhoras casadas lêem umas revistas, que o governo devia proibir de vender nas bancas e querem imitar tudo o que elas dizem. É na roupa, no jeito de falar, nos penteados, nos perfumes...

Fiquei pensando em que revistas seriam, quais as que a mulher dele ou, quem sabe?, a filha andava adquirindo para ler, no começo escondidamente e, agora, de certo, até na frente dele ou com a participação dele. Participação, não, cumplicidade. Mas ele prosseguiu.

— nos cigarros, nas bebidas. Inventaram, até, imagine o senhor, se não estou aborrecendo, uma forma de sociedade de consumo do sexo, uma coisa sagrada, no meu tempo e que, hoje, se tornou pública, banal, até sem vergonha. O senhor, de certo, já ouviu falar em fantasia sexual, né? Pois, pegou a moda. Uma coisa que a gente fazia normalmente, agora precisa de auxílio da tal

fantasia sexual. Já reparou nos anúncios da televisão? O marido vai saindo prá jogar tênis, aí a mulher passa por ele com o perfume dum sabonete novo e ele deixa de lado o salutar esporte e, dominado pela fantasia sexual, fecha a porta do quarto na cara dos espectadores. O outro só porque fuma um determinado cigarro, ganha o juri, bota a namorada e apaga as luzes do carro na barba de todo o mundo. Outro nada e sorri com determinado creme dental sedutor de mulheres. Aquele outro bebe um uísque qualquer e as mulheres correm atrás dele como moscas prá garapa. É o fim, o senhor me acredite...

Recordei, mais ou menos, que aquilo era verdadeiro, nem me havia apercebido. A publicidade estava introjetando a fantasia sexual e levando as pessoas a pensarem em sexo com um uísque antes e um cigarro depois.

— —Po—r—ém—

— Porém, o pior, ainda, são os anúncios de roupas femininas, já notou? Cartazes enormes nas ruas e avenidas com mulheres semi-despidas, exibindo calcinhas, sutiãs, penhoares, tangas, biquínis...

Disse cá comigo, pô este cara é um sociólogo prá tar tão por dentro, um Wilhelm Reich às avessas, o anti Freud. Vamos dar corda.

— Sim, sim, estou ouvindo com o maior prazer. Prá falar a verdade, as suas descrições, apesar de críticas, não deixam de excitar a minha fantasia sexual...

— É o condicionamento da sociedade consumo sexual...

— Mas o senhor falava em biquínis...

— Sim, tudo quanto é roupa deste tipo e com esta finalidade. Outro dia, conto isto pro senhor com a maior reserva, cheguei, em casa, tomei um chuveiro, bebi um uísque ou dois, não marquei, enquanto esperava o noticiário na TV, pus-me a folhear umas revistas que a patroa comprou. Minha mulher vinha e voltava, mudava os

canais, não sossegava. De vez em quando eu prestava atenção aos comerciais de que lhe falei. Até que levantei os olhos da revista e ia começar a falar com ela, quando reparei na roupa. Roupa, nada! Uma tirinha de laicra. Não chegavam nem prum lenço. Joguei as revistas no chão e gritei prá ela: vai tirar já estas indecências.

Ela fez uma cara de decepção, olhou bem prá mim e se dirigiu pro quarto. Fui atrás, não deu prá resistir.

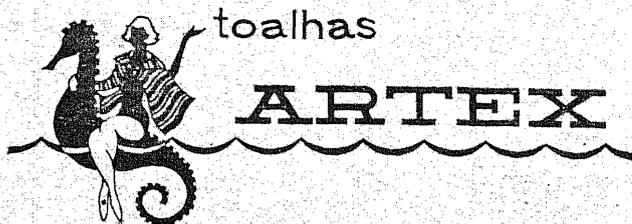
Nova Geração de Máquinas



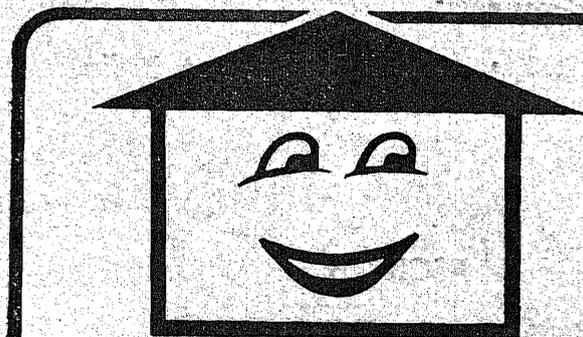
31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
 CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX
 ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
 Blumenau Santa Catarina



A MODA EM TOALHA — Blumenau S.C.



**A CASINHA AGORA
 ESTÁ SORRINDO
 TAMBÉM NO GARCIA**

PROBST — Rua Amazonas, 3.176

EDUCAÇÃO

F U R B - Calendário Escolar 1º Semestre

A Prática Desportiva fundamenta-se no Decreto 69.450/71, de 1.11.71, artigo 6º, complementado pela Lei 6.503 de 13.12.77, que dispõe sobre a Educação Física em todos os graus e ramos de ensino.

Lei nr. 6.502, de 13 de dezembro de 1977:

O PRESIDENTE DA REPUBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. — É preceptiva a prática da Educação Física, em todos os graus e ramos de ensino:

a) ao aluno de curso noturno que comprove exercer atividade profissional, em jornada igual ou superior a 6 (seis) horas;

b) ao aluno maior de 30 (trinta) anos de idade;

c) ao aluno que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em outra situação, comprove estar obrigado à prática de educação física na Organização Militar em que serve;

d) ao aluno amparado pelo Decreto-Lei nr. 1.044, de 21 de outubro de 1969; (dispensa médica);

e) ao aluno de curso de pós-graduação;

f) à aluna que tenha prole.

—x—

— Os alunos que não se enquadram na lei são obrigados a se matricular em "Prática Desportiva".

— A FURB oferece, neste semestre, aos universitários, para o cumprimento do estabelecido na lei, as seguintes modalidades:

Volibol Masculino; Volibol Feminino; Futebol de Campo; Ginástica Rítmica; Ginástica Feminina; Natação; Basquete; Atletismo; Artes Marciais; Judô.

Para o exame médico (obrigatório para os calouros) e para a escolha de uma das modalidades acima, o aluno

deverá dirigir-se ao Departamento de Prática Desportiva, na sala C-23.

JANEIRO

15 a 17 — Provas e/ou Exames referentes ao II semestre de 1978 em época especial.

15 a 31 — Período de solicitação do Atestado de Vaga:

- a) Transferência interna e externa;
- b) Diplomados em Curso Superior.

MATRICULAS DOS VETERANOS

Horários: 8:00 às 13:00 e 14:00 às 19:00 horas.

- a) Matrículas;
- b) Inscrições para exames de suficiência;
- c) Exame médico (para os que não estão dispensados da prática desportiva). Veja a página 7.

15 — Cursos: Educação Física e Processamento de Dados.

16 — Cursos: II, III e IV semestres de Engenharia Civil;

III semestre de Engenharia Química.

17 — Cursos: V, VI e VII semestres de Engenharia Civil;

V semestre de Engenharia Química.

18 — Cursos: VIII, IX e X semestres de Engenharia Civil;

VII e IX semestres de Engenharia Química.

19 — Curso: Direito.

29 — Curso: Economia, da letra "A" à "Q" inclusive (1º nome).

30 — Cursos: Economia, da letra "R" à "Z" inclusive (1º nome).

Ciências, Ciências Biológicas, Matemática e Química.

31 — Curso: Ciências Contábeis.

21, 23

25 e 27 — CONCURSO VESTIBULAR UNIFICADO — Início: 8:00 horas — PROEB, Ginásio de Esportes "Sebastião Cruz" (Galeão) e Centro de Treinamento de Esportes "José João Senna".

FEVEREIRO

DIAS LETIVOS: 06

MATRICULAS VETERANOS (continuação)

- 01 — Curso: Letras.
- 02 — Cursos: Pedagogia e Educação Artística.
- 05 — Curso: Administração.
- 06 — Requerimento de matrículas em atraso sujeitas à vaga e ao pagamento com acréscimo.
- 09 — Divulgação de despacho dos requerimentos (de Atestado de Vaga e de solicitação de matrículas em atraso).

IMPORTANTE: Os alunos cujos requerimentos foram "deferidos" devem providenciar a realização de sua matrícula neste dia.

MATRICULAS DOS CALOUROS

- a) Matrículas;
- b) Inscrições para exames de suficiência;
- c) Exame médico (para os que não estão dispensados da prática desportiva)

12 — Cursos: Ciências, Direito, Educação Artística e Pedagogia.

13 — Cursos: Administração, Educação Física, Letras e Processamento de Dados.

14 — Cursos: Ciências Contábeis, Economia, Engenharia Civil e Engenharia Química.

19 — INICIO DAS AULAS DO 1º SEMESTRE

19 a 28 — Inscrições para os Cursos do Laboratório de Línguas.

22 — Início das aulas do Laboratório de Línguas.

25, 26 e 27 — CARNAVAL

28 — QUARTA-FEIRA DE CINZAS

MARÇO — DIAS LETIVOS: 27

10 — Colação de Grau do Curso de Educação Física.

16 — Colação de Grau do Curso de Direito.

30 — Último prazo para pedidos de

cancelamento de inscrição em disciplinas.

ABRIL — DIAS LETIVOS: 20
 13, 13 e 14 — Feriados da Semana Santa

20, 21 e 22 — Olimpíadas da FURB: atividades esportivas.

21 — Feriados: Feriado Nacional.

30 — Feriado Escolar.

MAIO — DIAS LETIVOS: 25

01 — DIA DO TRABALHO: Feriado Nacional.

02 — Comemoração de DIA DA FURB.

Colação de Grau do Curso de Administração.

JUNHO DIAS LETIVOS: 12

01 a 30 — Inscrições para o Concurso Vestibular de Julho, de 2as. a 6as. feiras das 9:00 às 11:30 e das 14:00 às 17:00 horas.

14 — ULTIMO DIA LETIVO DO 1º SEMESTRE.

18 — Início dos Exames Finais do 1º semestre.

EXAMES DE SUFICIENCIA EM DISCIPLINAS PARA VETERANOS E CALOUROS

FEVEREIRO — 1979

Dia 15 — 19,00 horas — Disciplina Língua Estrangeira — Curso Direito.

Dia 15 — 21,00 horas — Disciplina Português-Linguagem Jurídica — Curso Direito.

Dia 16 — 9:00 horas — Disciplina Química Básica — Curso Engenharia.

Dia 16 — 16:00 horas — Disciplina Português — Curso Civil e Engenharia Química.

Dia 16 — 19:00 horas — Disciplina Matemática Básica — Curso Civil e Engenharia Química.

Dia 16 — 21:00 horas — Disciplina Física Básica — Curso Civil e Engenharia Química.

Dia 16 — 19:00 horas — Disciplina Complementos de Matemática — Cursos Economia, Administração, Ciências Contábeis.



FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

Entrevista - I -

MOOO — Bem Scliar, qual foi o teu começo?

SCLIAR — Bem para eu começar do começo, o que você quer, o primeiro vagido? ou, realmente o meu começo como pintor. Bem se é o meu começo como pintor eu diria que começa todo dia de uma certa maneira. Eu acho que o meu trabalho, vai-se construindo diariamente. Acho que diariamente eu tomo consciência de que eu tenho que ter uma utilidade, no mundo em que vivo. E que o meu trabalho, é o meu meio de expressão; o meio de expressão mais adequado, que eu encontrei para transmitir a minha visão do mundo, a minha consciência de que o homem é parte fundamental e que se ele não tem consciência disso, ele é utilizado como um animal. Eu acho que é função do artista na medida que tem o meio de expressão determinado, utilizar a sua obra para tornar o maior número de homens possível, conscientes e que devem participar do seu destino. Isto é, devem construir o seu destino e não permitir que os outros queiram construir por ele.

MOOO — E é lógico, isto se reflete nos teus quadros. Como você poderia nos explicar o nascimento dos temas dos teus quadros?

SCLIAR — Eu acho que hoje os meus quadros nascem com mais naturalidade, a partir do momento que eu me convenci, que tudo o que eu faço, que eu quisesse ou não teria de refletir isso que eu sou como pessoa; isto é, como homem político, como pintor, como homem em síntese. Porque eu acho que o pintor não é outra pessoa, que não o homem político que tem como meio de expressão a pintura; isto é, um homem participando do mundo, e é nesse sentido que eu digo o homem político. O homem político é aquele que sabe que seu lugar no mundo, é um lugar que tem que ser conscientemente adotado. Que ele chegue exatamente por opção, por escolha, e que, não pode permitir que escolham por ele. Ora, na medida que um homem tem como meio de expressão uma determinada manifestação de arte, e a minha é toda uma seleção que eu fiz quase que ao longo de quase duas décadas, porque realmente durante duas décadas eu acho que eu me julcava um artista universal, isto é, tentava fazer teatro, cinema, literatura, poesia, pintura,... somente cinema. Depois eu me convenci que pra fazer bem uma dessas artes, uma vida inteira era pouca. Foi a partir desse momento na década, no começo da minha segunda para terceira década, e que eu me convenci que realmente

eu tinha de me concentrar em pintura, e que era o meu meio específico. É claro que eu virei "gênio" muito rapidamente, é claro que não podia ser por menos daí, quem deixa de ser universal para de repente fazer uma arte, uma manifestação só, tinha que ser fora do comum. E inúmeros intelectuais, artistas que me prestigiavam me ajudaram nessa deformação de visão, quanto a minha importância no mundo. Mas eu acho que o tempo me ajudou inclusive a botar mais os pés na terra, eu acho que me ajudou principalmente foi antes de mais nada uma ligação política com o mundo em que eu vivia. Eu comecei a me dar conta de que os problemas eram um pouquinho mais transcendentes daqueles que eu imaginava vindo de minha janela.

MOOO — E nesse teu momento de consciência, que papel teve a guerra?

SCLIAR — Eu diria que a guerra teve uma importância decisiva na medida que criou uma ruptura e uma ligação muito grande com... Explicando melhor. Primeiro, a ruptura, é que eu desde muito jovem, dez, doze anos de idade eu já colaborava na imprensa de Porto Alegre, fazendo contos, poemas, e ilustrando os meus textos e mandando para a imprensa, quer dizer, eu publicava constantemente. Então virei um verdadeiro menino prodígio e me vinculei muito cedo ao setor de artistas intelectuais de Porto Alegre, no qual eu era muito prestigiado e considerado uma figura excepcional. Eu era talvez, numa certa época, o pintor moderno de Porto Alegre. Isto tendo meus 14, 15, 16 anos.

A guerra significou para mim aos 23 anos, uma ligação com outra faixa de gente, isto é, com rapazes que como eu foram convocados das mais diversas regiões do Brasil para servir na FEBE, e esses rapazes, eram de origem bem diversa da minha no sentido de que, não eram intelectuais necessariamente. Eram estudantes, mas eram muitos rapazes de origem mais humilde, que vinham de vários setores do Brasil inteiro e que foi realmente um contato primeiro que eu tive com gente, com gente mesmo e, não artistas, e não intelectuais. Prá mim foi um banho de Brasil. Essa foi a primeira transformação maior que eu tive, lenta, mas realmente fundamental, porque de repente eu comecei a entrar em contato com uma gente diferente daquela que desde os meus dez, onze anos, eu tinha me vinculado de uma maneira muito profunda. Que se tinha me marcado muito intelectual e politicamente, ao mesmo tempo tinha me desvinculado assim de pes-

soas normais. Por que artista é realmente uma pessoa fora do normal. No sentido de que é quase sempre um marginal, num país como o nosso e que cria uma espécie de defesa, criando uma espécie de família aonde uns defendem os outros. Pelo menos eu tô falando no que acontecia naquelas décadas e realmente o processo era este. Depois a guerra propriamente dita, tornou mais profunda mais a minha consciência de que a luta contra o fascismo, e eu principalmente sendo de origem judaica, aquela confissão de ser salgado e de ter recebido convites para não seguir com a FEBE e ter ficado no Brasil, servindo na FEBE, mas servindo no Brasil, pelo fato de ser o único pintor convocado, eu achei que eu tinha uma obrigação moral, ética de ir a essa briga, que era minha. Que era uma briga exatamente de que realmente eu não me sentia como garoto, sendo de uma família de origem judaica mas não religiosa, nunca me senti realmente ligado a qualquer problema judaico. De repente, a ascensão do movimento nazista com repercussões no Rio Grande do Sul, me vi em dados momentos em discussões e envolvimento no sul que me deram consciência de que num momento para outro, a minha origem mais remota, contava. E contava sem que soubesse exatamente porque, me discriminando. Aquilo me obrigou a ter consciência de que alguma coisa errada estava acontecendo. É claro que isso acabou acentuando exatamente uma posição que se de início parecia subjetiva, aos poucos, a medida que eu fui tomando uma consciência política maior, eu vi que aquilo era parte de um processo um pouco mais profundo, um pouco mais geral, e quando eu fui convocado eu achei que era um repto de honra que teria de participar exatamente dessa luta contra o fascismo, contra o nazismo.

E na guerra que foi para mim uma experiência violenta, eu me vi de uma hora para outra, numa situação que nada tinha de literária, nada tinha de romântica e que era uma situação que além de me ensinar o que era o nazismo, além de me ensinar o que era uma guerra de fato terrível, destruindo séculos de civilização, isto assisti na Itália, me tornei inclusive mais consciente da minha condição de ser um homem que deveria em todos os instantes conscientes, transformá-los em instantes ativos, contra os fabricantes de armamento. Que estavam realmente armando a guerra em todas as esquinas possíveis.

OOJ — Isso aqui é um diálogo... A gente pode interferir... Vamos fazer a

SCLIAR, Carlos (Santa Maria, 1920). Pintor, desenhista e grafista. Apresentando seus trabalhos em exposições e meados da década de 1930, foi um dos fundadores, em 1938, da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Em Porto Alegre, dela tornando-se secretário. Em 1940 viajou para São Paulo e, nesse mesmo ano, participou do primeiro salão da Família Artística Brasileira, no Palace Hotel, do Rio de Janeiro. Convocado pela FEB em 1941, lutou na Itália durante a II Guerra Mundial, entre 1944 e 1945; e nessa época diversos desenhos foram produzindo tipos e aspectos da campanha de guerra. A respeito desse período de sua obra disse José Moreira da Fonseca, em 1963: "Os quadros iniciais revelam a observação de canones expressionistas. Nesses não é estranha a influência de Cavalcanti, Portinari e Segall, que conciliam com vários outros modelos da arte alemã entre Corinth e o trofé nazista. A paleta é fosca, as cores são expostas em mesclagens de branco, redundando numa atmosfera surda, numa força contida, meditando a qual se desenvolvem os temas, principalmente de caráter social". Segundo se a esta uma fase de maior realidade correspondente à sua permanência nas terras gaúchas logo após o retorno ao Brasil. Ainda em 1950, fundou o grupo juntamente com Vasco Prado, Glauco Rodrigues e Cláudio Bianchetti, Glauco Rodrigues e Cláudio Gonçalves — o Clube de Gravura de Porto Alegre; começou a desenvolver-se também à gravura nos primeiros anos da década de 1940, sob a influência do expressionismo alemão, numa série mais importante neste sentido, como indicou José Roberto Teixeira Leite em "A Gravura Brasileira Contemporânea" (1965) — é a que compreende cerca de cinquenta estampas sob o título geral de Estancia, executadas entre 1953 e 1956. Após realizar uma mostra retrospectiva na Biblioteca Nacional (GB) em 1956 — ano de transferência para o Rio de Janeiro — abandonou a gravura para dedicar-se exclusivamente à pintura e ao desenho. Das mostras coletivas em que tomou parte cabe ressaltar o 1º Salão (na Divisão Moderna, desde o começo da década de 1940, logo obtendo o cargo de jurado), II ao IX SNAM (1953 a 1960 / prêmio de melhor obra do país em 1955). O Trabalho na Arte (MNBA, 1958) e Arte Brasileira



Carlos Scliar

coisa de uma maneira que as coisas aconteçam. Mas voce falando de consciência... Ai me ocorreu o seguinte: que tipo de inquietação voce procura transmitir com os teus quadros? A tua ou a do povo que voce coexiste?

SCLiar — Eu tenho transmitir a minha. Acho que na medida que eu me sinto vinculado a nossa gente; que eu acho sou produto da nossa gente, o meu trabalho reflete um momento de consciência também determinado. Eu creio...

OOJ — A tua consciencia então, de certa maneira é a consciencia do povo?

SCLiar — Não, não tenho exatamente essa pretensão, porque eu acho que eu correspondo a uma parcela exatamente, e tenho certeza de que cada artista tenta dizer o máximo que ele pode com os meios de que ele dispõe; mas ele não pretende resolver os problemas do mundo. Ele pretende tornar as pessoas conscientes de que elas podem resolver os problemas do mundo. Eu não estou aí prá resolver os problemas de ninguém. Eu estou aqui prá tornar cada pessoa consciente de que é realmente todo mundo reunido que faz alguma coisa. Se eu pensasse exatamente que eu era o messias, e que o meu trabalho detivesse essa função, eu acho que prá começo de conversa, eu seria um pouco presunçoso ou daria ao meu trabalho uma importância, uma transcendência que não sei se ele tem. Eu desejo que o meu trabalho seja o que eu chamaria de uma alavanca que pudesse acionar a sencibilidade ou a consciencia das pessoas prá certos fatores que fazem das pessoas, pessoas menos passivas que normalmente, elas são diante de tudo que se coloque diante delas. Por pequena que seja a parcela da minha atuação, eu acho que é aquela exatamente que eu posso atuar. Porque se eu tentel em certas ocasiões, outras formas de lutas, de ativar a consciencia das pessoas, eram formas de lutas que exatamente a cada instante era motivado por razões muito objetivas e muito subjetivas também. Eu era motivado por razões que eu estava convencido delas. Hoje eu estou convencido que a minha atuação melhor, se faz através do meu trabalho, por pequeno que seja o setor que eu possa atuar sobre ele. Mas só que eu não subestimo este setor, eu acho que este setor também conta.

OOJ — Plínio Marcos quando esteve aqui, disse que a missão dele atualmente era de inquietar; qual é a tua proposição?

SCLiar — Se voce escuto as palestras que eu fiz, quase que a primeira frase que eu usei dizia que a fun-

ção do artista, e aí eu generalizei, era trazer inquietação as pessoas. Eu acho que tudo que quebra a rotina das pessoas, inquieta. Tudo que quebra as normas estabelecidas, inquieta. Tudo que faça a pessoa sair daquilo que ela aceitava passivamente, inquieta. Agora, é preciso que voce inquiete no tempo, não só no primeiro instante. Que a pessoa não leve somente um susto, mas que a pessoa pare para pensar. Por isso que os meus quadros sejam talvez um pouco tranquilos na aparência, mas eu gostaria que eles tivessem um efeito retardado. Que depois que começassem a atuar, fossem irreversíveis.

OOJ — Sendo o Brasil um país subdesenvolvido, a tua pintura metafórica digamos em termos literários atinge o povo?

SCLiar — Seria muita presunção minha pensar que eu atinjo o povo. O povo não entra em galeria nenhuma, rapaz. Não entra nem em museu, não entra em lugar nenhum. Eu quero atingir exatamente os setores que olham os meus quadros. Eu quero atingir o meio universitário na medida que eu venho para uma universidade e no hall de entrada, as pessoas vejam os meus quadros. Eu acho que dos setores que eu tento atingir, é o setor de uma pequena burguesia. E de uma pequena burguesia, mais ou menos informada. E é o setor que eu posso atuar, porque é o setor que indiscutivelmente eu poderia atuar hoje ou amanhã, dentro de um país como o nosso. Seria a maior pretensão num país que tem 110 milhões de habitantes, eu pensasse que com quadros eu iria realmente atingir o nosso povo. Agora, eu acho, como te falei a pouco, é de que cada artista tem a função no setor que realmente pode dar o seu recado melhor. Se o meu recado for autêntico nesse setor que eu estiver atuando e eu conseguir inquietar essa juventude que não precisa necessariamente dos meus quadros prá se inquietar; só que trazem uma inquietação diferente. Eu trago uma inquietação que faz com que o jovem que volta e meia é um convencido da verdade, do dor de ser o dono da verdade, descubra que há várias verdades, e várias verdades que ele tem que fazer, que sejam defendidas de unhas e dentes. E que não só a sua seja defendida, mas que também outras verdades sejam defendidas, e essas várias verdades façam dele um democrata, isto é um homem que saiba fazer respeitar as mais diversas tendências. Coisa que o jovem pode usar como exemplo, muito melhor que os mais velhos.

(cidades da Europa, 1965); em companhia de Benjamim Silva, Antonio Dias e José Paulo Moreira da Fonseca, apresentou obras de sua autoria no Oriente Médio, Atenas e Belgrado, em 1964 e 1965. Realizou sua primeira exposição individual em São Paulo, no ano de 1940; entre suas mostras mais recentes podem ser destacadas as que foram exibidas nas galerias Tenreiro (GB-1960), Petite Galerie (GB 1961), da Secretaria de Cultura de Porto Alegre (1961), exposição abrangendo vinte anos de sua atividade como pintor, Relevô (GB 1963), 1964, 1966 e 1968, valendo-lhe as de 1963 e 1966 a inclusão nos II e V resumos de Arte do Jornal do Brasil), Profilli (Milão, 1963), da Casa do Brasil em Roma (1963), Astréia (São Paulo, 1964 e 1966), Santa Rosa (GB 1967) e Cosme Velho (São Paulo, 1969), bem como em Belo Horizonte (1962), Salvador (1964), Frankfurt (1964), Dusseldorf (1964) e Recife (1964). Na sua diversificada atividade merecem ainda menção os trabalhos no campo da crítica de arte (com artigos sobre a arte brasileira contemporânea publicados, de 1940 a 1944, na "Revista do Globo", de Porto Alegre), das artes gráficas (com capas e ilustrações para livros, entre os quais "Seara Vermelha", de Jorge Amado, nas edições brasileiras, francesa, tcheca e israelita; de 1958 a 1960 ocupou a chefia do departamento de arte da Revista SENHOR, do Rio de Janeiro) e da serigrafia, esta ultima mais recentemente e encarada, não como

processo de pura reprodução, mas como instrumento de criação especifica. Em 1967 executou painel para agencia do Banco Aliança do Rio de Janeiro, em edificio projetado por Lucio Costa. Seus trabalhos que se encontram reproduzidos em diversos albums editados a partir de 1942, como "Fábula" (1942) e o que reuniu, em 1949, as gravuras utilizadas na edição francesa de "Seara Vermelha", além dos publicados pela Ediarte (1963) e pela Cultrix ("Morros e Telhados de Ouro Preto", 1964) — diversificam-se em retratos, paisagens e, muito frequentemente, naturezas-mortas, aplicando inclusive nestas ultimas, a técnica da colagem, estimulado conforme sugeriu em depoimento transcrito na revista GAM (GB nr. 12, 1968) pelos "papiers collés" de Picasso e Braque, e por sua antiga ligação com as artes gráficas. A seu respeito comentou Roberto Pontual, em 1969: "Scliar capta a realidade na sua pulsação de tempo e silencio. Uma pulsação que deriva dele injetar nas coisas, inicialmente recebidas como reflexo de pura superficie, a dose tranquilla ou febril de transfiguração, resultante de sua maneira própria de encará-las para apreender a densidade e o sentido do compreensível mistério que há em suas camadas. Eu o chamaria mesmo de pintor do objeto mergulhado no tempo — esse dado abstrato que só assim se concretiza — e no silencio. Do objeto se entregando ao olhar, sabendo-se foco de uma visão e de uma vontade".

INFORMAÇÕES

Coloque a sua idéia num cartaz

REGULAMENTO

A Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social — MUDES — e a Divisão do Material do Departamento de Administração do Ministério da Fazenda fazem publicar, para conhecimento dos interessados, o regulamento do "Concurso Nacional de Cartazes "Coloque sua idéia num cartaz". Não desperdice material", que se segue:

REGULAMENTO DO OBJETIVO

1. Criar cartazes que, através de imagem e/ou texto, conscientizem o servidor público quanto ao uso racional do material de serviço, colocado à sua disposição nas tarefas diárias, estimulando-o à economia e conservação. Com isto contribuir para a formação de uma nova mentalidade de reconhecimento do material como um bem público.

DO CONCURSO

2. O Concurso Nacional de Cartazes, coordenado pela Fundação MUDES, está sendo instituído e patrocinado pelo Ministério da Fazenda e acha-se aberto a toda pessoa domiciliada ou residente no território nacional, em especial, aos estudantes universitários, aos funcionários públicos e aos profissionais e artistas do campo da Comunicação.

DAS INSCRIÇÕES

3. Cada participante poderá se inscrever e apresentar um ou mais trabalhos até o dia 29/12/78 às 17.00 horas pessoalmente ou pelo correio com AR-aviso de recebimento, na sede da Fundação MUDES, Rua México, 119, 12º andar, Rio de Janeiro.

4. A inscrição é feita no ato de entrega dos trabalhos, que deverão ser apresentados em layouts acabados de, no máximo 4 cores, nas dimensões de 54cm x 41cm (incluindo os 6cm de mar-

gem), montados em cartão duplex, deixando, no canto de 3,5 x 2,5cm para a impressão do logotipo do Sistema do Material do Ministério da Fazenda. Os layouts deverão ser colocados em embalagens ou envelopes fechados a cola e subscritos com as seguintes indicações: nome do Concurso, endereço da Fundação MUDES e pseudônimo do autor. Os três premiados assumirão o compromisso de entregar a arte-final até 15 dias após o aviso de premiação.

5. A embalagem ou envelope deverá conter, além dos trabalhos, outro envelope fechado a cola, subscrito unicamente com o pseudônimo do autor. No interior deste envelope, o autor identificará seu nome, endereço, telefone, número da Carteira de Identidade e CPF, acrescentando o nome do Concurso.

6. Será permitida a participação de equipes, desde que um de seus componentes seja designado como responsável pelo trabalho, mencionando expressamente essa condição.

7. A inscrição no Concurso implicará na aceitação automática de todas as exigências regulamentares. O concorrente que deixar de cumprir qualquer um dos dispositivos deste Regulamento será desclassificado.

DA COMISSÃO JULGADORA

8. A Comissão Julgadora — que será composta de pessoas indicadas pelo Ministério da Fazenda e Fundação MUDES — decidirá e deliberará pela maioria dos votos de seus membros, sendo definitivas e irrecorríveis todas as suas decisões, podendo inclusive não conceder qualquer dos prêmios, desde que o nível dos trabalhos esteja em defasagem com o objetivo do certame.

9. O resultado será divulgado até no máximo 60 dias

após o encerramento das inscrições.

10. Fica vedada aos concorrentes a retirada dos trabalhos entregues, antes da seleção a ser precedida pela Comissão Julgadora.

DOS PREMÍOS

11. Aos vencedores serão atribuídos os seguintes prêmios:

1º. lugar	50.000,00
2º. lugar	30.000,00
3º. lugar	15.000,00

Podará ser atribuída uma Menção Honrosa a critério da Comissão Julgadora.

12. Os trabalhos não premiados poderão ser retirados na sede da Fundação MUDES até 30 dias após a divulgação dos vencedores pela Comissão Julgadora.

13. Os prêmios serão entregues em cerimônia, cuja data e local serão anunciados pelo Ministério da Fazenda e Fundação MUDES.

DA DIVULGAÇÃO

14. Os autores premiados cedem ao Ministério da Fazenda os direitos de reprodução e divulgação dos seus trabalhos, independente de qualquer ônus, além dos prêmios estabelecidos neste Regulamento.

DAS DISPOSIÇÕES

Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos em conjunto com o Ministério da Fazenda, a Fundação MUDES e a Comissão Julgadora, sendo a decisão final adotada, irrecorrível.

REITOR PROCESSADO

O reitor José Carlos Pinotti, da Universidade Estadual de Londrina, será intimado a provar, na Justiça, a acusação, que mandou publicar nos jornais, de que dirigentes de seis diretórios setoriais e do diretório central dos estudantes daquela instituição foram cassados por corrupção.

Os dirigentes estudantis tiveram seus mandatos cassados por decisão do Conselho de Administração da Universidade, que considerou falhas suas prestações de contas, devido a notas mal preenchidas e despesas não especificadas. A imprensa publicou ontem a acusação do reitor, segundo ele, os estudantes punidos praticaram atos de corrupção nas suas gestões. Tadeu Felismino, ex-presidente do Diretório Central e, também envolvido na acusação, disse que o reitor "faltou com a compostura" ao dizer que os dirigentes estudantis são "um bando de corruptos".

Segundo o estudante, Pinotti, não poderá provar o que disse. A interpelação judicial ao reitor será hoje, pelo advogado dos estudantes,

que deverão ainda encaminhar outra ação, que poderá invalidar a decisão do Conselho de Administração que além de cessar os dirigentes, fechou os diretórios.

Nesta última ação, também a ser interposta hoje, os universitários argumentarão que, há meses, pleitearam o direito de prestar sua contas à Justiça, pois temiam que elas fossem manipuladas de maneira a comprometê-los e justificar um ato de força da reitoria. Caso a justiça dê provimento, a decisão do conselho será tornada sem efeito e a reitoria precisará restituir os cargos dos dirigentes e os bens dos diretórios, inclusive as sedes e uma máquina impressora "off-set" apreendida segunda-feira.

Além dessas medidas de ordem judicial, os universitários resolveram ontem realizar nova assembleia — a terceira consecutiva esta semana — no "Campus" universitário, as 11 horas, prosseguindo nas manifestações contra a decisão do Conselho de Administração da Universidade.

LITERATURA

"...Et Nubes Pluant Justum"

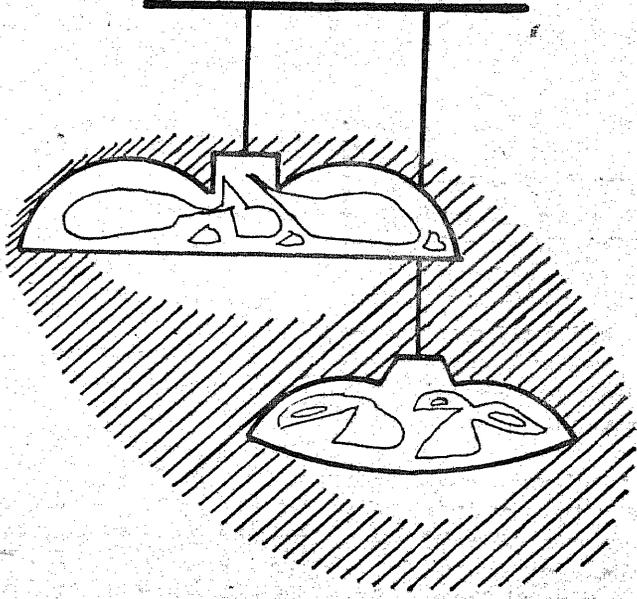
É mais um daqueles dias
 em que só resta consolar o rio.
 A revolta dá espasmos na garganta,
 o desespero ganha da vontade
 de calar ou de escrever só quatro linhas.
 Sou um graveto, um grão de ervilha
 e sinto que minha voz é fraca,
 mas não posso me omitir
 (vocação de interferir).
 Vejo o desespero que esta gente esconde:
 dias de tédio, anos de guerra,
 um século de dor.
 Mentem, roubam: comerciam...
 Se acusam mutuamente,
 se empurram e se esmurram: dialogam...
 É fácil camuflar de olhos;
 é fácil controlar o tédio
 neste grande circo;
 é fácil esquecer u'a guerra
 que não nos pertence.
 Não, não quero mais duplipensar!
 Quero rasgar a goela neste grito:
 Oh Goldstein, porque te atrasas em chegar?
 Porque não choves sobre nós, Senhor?

(Domingos Sávio Nunes)

PRECE

Por: Antonio Juraci Carlini

Mamãe,
 eras lindas como a estrela da manhã
 na tua esplêndida mocidade
 no eterno sorriso do retrato.
 Muito mais linda és agora, mamãe,
 quando no teu rosto
 algumas rugas subtraem à pele aquele viço,
 aquela macieza exuberante
 d'outrora.
 Cada ruga é um diadema,
 uma glorificação.
 Das nevascas da vida
 restaram-te os cabelos branquejados
 em que se vê coroada tua dignidade.



INSTALADORA BLUMENAU
 LUSTRE — DECORAÇÕES
 Rua XV Novembro, 1389 — F: 22-1264

Poema ao Estado de Santa Catarina ou o suplício de Ghercov, Cardoso e Mota

E foi assim: quebraram-lhe todos os membros
 BATENDO com pedaços de pau, pedaços de ódio
 Moeram-lhe as pernas, os braços, deixando-a
 vazia de ossos e de vida
 Amarraram-na em uma roda e giraram com fôrça
 Os membros em partes pequenas queriam voar
 soltar-se no espaço, em todas as direções
 A isto denominaram de suplício da roda ou catarina
 Catarina virou santa, virou estado brasileiro
 Cujos governador é o Sr. Konder Reis
 Este mandou prender Ghercov, Cardoso e Mota
 E mais trinta e tantas pessoas que pensavam na Pátria
 Mandou que arrancassem a verdade dos três prisioneiros
 Nem que fosse preciso arrancar-lhes a língua, os olhos,
 todas as unhas, todos os membros
 Mandou que os espancassem até perderem os sentidos
 O corpo dos três é uma úlcera, uma chaga completa
 Já não falam, apenas sussuram sons guturais
 Já não ouvem, já não enxergam, já não andam, apenas se
 arrastam pelo cimento frio da cela, como vermes
 Já não gritam quando lhes são ministrados choques elétricos
 apenas vertem pus pelas feridas do corpo

Livraria Acadêmica

AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

Plínio Marcos faz autocrítica ao teatro

Na última quarta-feira, com o Teatro de Arena absolutamente tomado por um público que permaneceu até o final do encontro, o dramaturgo e jornalista Plínio Marcos, após a apresentação de sua peça "Jornada de um Imbecil até o entendimento", que João de Andrade dirige, desenvolveu um debate com os espectadores, em torno de seu trabalho e especialmente daquele texto.

Dizendo inicialmente emocionado pela versão do Arena ao texto escrito em 1961, logo após "Barrela", desde então proibida, e que ele próprio encenara uma vez no Sindicato de Espectadores de Santos, e depois nunca mais encontrara, o dramaturgo salientou a zorra do grupo na encenação, e especialmente as interpretações do Sacerdote e de Mandrião, que para ele, destacavam-se das demais. Depois Plínio passou a falar de si mesmo e de todas as pressões que, ao longo dos anos, tem sofrido, ao mesmo tempo em que desenvolvia noções teóricas que procurou expor ao público, mesmo correndo o risco de decepcionar a alguns espectadores, que esperariam dele outras palavras.

Plínio buscou opor os conceitos de "teatro político", ou "teatro de tese" como aquela peça que acabava de assistir, e que para ele nada mais tem a acrescentar para o espectador, porque todo o espectador que vai a um teatro para vê-la, já sabe todas aquelas coisas, e o texto, assim, não ajudaria num processo de conscientização que para ele é tão importante, e o "teatro social", semelhante ao que ele viria a desenvolver nas peças subsequentes, inclusive "Dois perdidos numa noite suja", recentemente apresentada numa parcialmente frustrada

montagem. Para Plínio, a não importância no atual momento político nacional de uma peça política, como ele a encara, pode ser exemplificada no fato de ela ter sido liberada pela Censura Federal enquanto peças "sociais" como ele as denomina, do tipo de "Barrela", proibida sob todos os governos, até mesmo antes de 1964, ou "O Abajur Lilás", continuam ferozmente interditas.

Plínio denunciou, ainda, o malbaratamento do dinheiro público que vem ocorrendo através do Serviço Nacional de Teatro, na medida em que aquele órgão governamental patrocina peças teatrais de péssima qualidade técnica, artística e de texto, para tournées nacionais, especialmente no Nordeste, com o que, ao invés de atender as necessidades do público, acaba por afugentá-lo dos palcos. O dramaturgo contou que recentemente, em Terezina, estudantes universitários, irados pelo dolo causado ao público por um grupo, chegaram a fazer piquete e distribuir panfletos para alertar a população contra tais espetáculos.

Plínio contou, a seguir, que ante as denúncias recentes envolvendo membros do governo acusados de malversação do dinheiro público, e, especialmente o caso anunciado da venda da floresta amazônica, ele escreveu uma nova peça de teatro, chamada "Ai, que saudades que eu tenho da saúva", lembrando antiga campanha que dizia "Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva com o Brasil". Para Plínio, a pedração atual das riquezas naturais do país é bem mais grave, e este tema ele desenvolve justamente neste texto que estará lançando na próxima semana.

Lembrando que a obrigação de todo o artista é desenvolver um traba-

lho cultural junto a seu povo, mas que ele não deve considerar-se portavoz ou ensinador do povo, já que o povo teria uma cultura própria tão desenvolvida e tão importante quanto a chamada "cultura erudita", aprendido que, segundo ele, ocorreu só bem depois dos acontecimentos da década, Plínio afirmou que a situação marginal do artista na atual situação brasileira lavam-no a abdicar de sua consciência, fazendo com que ele aceite trabalhos sem pensar, sem se dar conta exatamente das contradições que passa a encarnar. Citou, como exemplo, o fato de que atores cuja participação na campanha a senador de Fernando Henrique Cardoso foi importantíssima, aceitaram logo após integrar o elenco de uma telenovela que dimensiona concretamente, ao nível de grande público, as negativas intenções do governo quanto à emancipação indígena, telenovela esta que, aliás, vem sendo gravada inclusive mediante a invasão da área indígena do Parque do Xingú, sem permissão expressa dos índios, e sim a dos brancos que se arvoraram em seus tuteladores. Desta forma, vive o artista, hoje, uma oposição entre sua vida civil e sua vida profissional, problema grave que deve ser urgentemente equacionado para evitar-se o crescente êxodo de artistas das regiões periféricas para o centro do país. "Artista morto do cinema e da tevê americana, esta é que é a verdade, ainda tem mais chance na nossa televisão do que artista brasileiro vivo", e o dramaturgo contou muitos casos para o público que o ouvia atento.

"Não acredito em reformas radicais", continuou ele, e por isso mesmo, acho que o processo de conscientização deve ser lento para poder ser

consequente. Por isso, pretendo me manter um crítico feroz de tudo, até mesmo da Igreja, porque se ela tem um Dom Paulo Evaristo Arns, ela tem também outros bispos cuja caridade cristã se expressa na proibição de que um colega possa chegar até uma vizinha arquidiocese, como ocorreu recentemente em Porto Alegre, com a interdição de licença para a presença de Dom Helder. Temos que ter claras as contradições que vivemos. Quando Lula diz que os estudantes devem ficar nas suas faculdades, que eles, os operários, não precisam dos estudantes, cada lado tem razão. Porque quando houve a greve dos metalúrgicos, só quem furou foram exatamente os estudantes estagiários... além do mais, devido à elitização de nossas universidades, é evidente que os nossos estudantes de hoje são os futuros patrõeszinhos de amanhã, e o operário, hoje em dia, já consegue entender muito bem este processo. A coisa é muito simples, se eu tiver dois pares de sapatos, é porque alguém ficou sem o par dele, e portanto, mesmo sem querer, estou prejudicando alguém. Eu nós todos, e os outros muito mais".

Com a verve de sempre, que tanto tem ajudado, possivelmente, a enfrentar a marcação cerrada que se tem feito contra sua obra, Plínio assim tratou de ligar as duas coisas, o teatro e a realidade brasileira que ele procura retratar, e por isso mesmo, em autocrítica que eu diria até impiedosa, não titubeou em dizer: "Acho que vocês podem ver a "Jornada" porque está um bom espetáculo. Mas não se enganem, ela não acrescenta nada de novo porque tudo isso vocês já sabem. As outras peças são bem mais importantes".

Filme sobre exílio político está proibido

O curta-metragem "Leucemia", de Nilton Nunes, que trata dos problemas do exílio por motivos políticos, não pode mesmo ser apresentado no Brasil: Segundo o ofício 1686/78, o

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas, comunicou à EMBRAFILME que a obra é capaz de provocar o incitamento contra o regime vigente, a ordem pública, as auto-

riedades e seus agentes".

Assinado por Carlos Molinari de Carvalho, o ofício da Polícia Federal informa que a interdição de "Leucemia" foi motivada "por mostrar um tema que contraria a lei censória em

vigor". Orçado em 25 mil cruzeiros, com música de Chico Buarque e filmado em apenas duas horas numa noite de agosto no Aeroporto do Galeão "Leucemia" é o quinto filme da Associação Brasileira de Documentaristas.



marcenaria FLORENCIO
 Rua República Argentina N° 3702 Blumenau SC

TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.

IMPRESSOS EM GERAL
 "ATENDEMOS BEM PARA ATENDER SEMPRE".

BLUMENAU: Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo ao estacionamento Golden Star.
 ITAJAI: Rua Hercílio Luz, 309 2º andar — Sala 8 — fone 44-0315

LIVROS**RECOMENDADOS****EDITORA CONVIVIO**

A LIBERDADE NO IMPÉRIO — Ubiratan Borges de Macedo — 214 págs.

Ao estudar as idéias filosóficas no Império, Ubiratan Macedo nos revela uma atmosfera de extrema densidade, em que a consciência nacional adquire autonomia e busca o seu próprio caminho. Tentar compreendê-lo é ter acesso ao que há de mais recôndito em nossa maneira de ser.

AVENIR EDITORA

A FORMA NA ARQUITETURA — Oscar Niemeyer — 56 páginas.

Livro que traz um depoimento de um dos maiores arquitetos brasileiros. Oscar Niemeyer mostra como vê o problema da forma em arquitetura. Não tenta convencer ninguém, e, se às vezes entre EM CHOQUE com outras opiniões, é apenas para explicar o seu ponto de vista.

UNB: INVENÇÃO E DESCAMINHO — Darcy Ribeiro — 140 páginas.

Livro que fala da Universidade de Brasília. Este depoimento de Darcy Ribeiro é volta do criador ao encontro da criatura desfigurada. A emoção do seu reencontro físico com o CAMPUS atual da UNB dá o sentido desse seu testemunho.

LIVRARIA E EDITORA UNIVERSITÁRIA DE DIREITO LTDA.

PRÁTICA DAS AUDIÊNCIAS — Waldemar Leandro — 252 — páginas.

Livro em segunda edição. Obra prática que trata sobre a matéria de Competência, o direito às varas e Tribunais Comuns, justiça militares, Federais, etc. Com isso o livro contribui, finalmente, para diminuir ou minificar as questões sobre as Exceções de Incompetência e os Conflitos de Jurisdições.

VITÍMA — Moura Bittencourt — 328 páginas.

Livro em segunda edição. A obra foi reeditada, proporcionando ao leitor o conhecimento do estágio atual da vitimologia, de par com as tendências e seu futuro, como ciência em que muitos pretendem torná-la, aliada às aplicações práticas que já se realizam em seu campo. Estudo indispensável para Juizes, Promotores, advogados e estudantes interessados no assunto.

EDITORA IBRASA

O PODER DA COMUNICAÇÃO — a arte de Vencer por meio de palavras — J.V. Cerney — 240 págs.

Livro que dá as normas e exemplos por meio dos quais utilizar corretamente o dom da fala e atingir em cheio os ouvintes. Todos os aspectos da comunicação o-

ral estão aqui tratados, com abundância de exemplos e com muita base na experiência pessoal. Você precisa apenas usar (saber usar) as palavras que você já sabe.

METAMORFOSE DA LIBERDADE — Ubiratan de Macedo — 252 páginas.

Em 18 ensaios, focaliza o conhecido professor e filósofo, questões relativas ao humanismo e problemas do século XX, à teoria dos valores em geral e em particular nas ciências humanas. Este livro encontrará, sem dúvida, repercussão entre filósofos e pensadores em geral, bem como, estudiosos e estudantes das ciência humana.

EDITORA RIO

PODER CONSTITUINTE E REVOLUÇÃO — Ivo Dantas — 68 páginas.

Breve Introdução à Teoria Sociológica do Direito Constitucional. Obra que analisa o Poder Constituinte em suas relações com a Revolução.

O SISTEMA TRIBUTÁRIO DA CONSTITUIÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NO DIREITO TRIBUTÁRIO NACIONAL — doutrina — comentários — questões práticas — jurisprudência comentada — legislação — Dabogerto Liberato Cantizano — 14 ps.

Obra que apresenta em linguagem técnica e acessível, os aspectos mais significativos do Sistema Tributário da Constituição Atual, procurando demonstrar as suas implicações profundas no Direito Tributário Brasileiro.

E.P.U. EDITORA PEDAGÓGICA E UNIVERSITÁRIA LTDA.

ANSIEDADE — Isaias Pessotti — 140 págs. — Cr\$ 120,00.

Livro de psicologia que trata de um único assunto: ansiedade. Tradições filosóficas, abordagem Freudiana da ansiedade. Obra importante para professores e alunos dos cursos de Psicologia, Sociologia e Relações Humanas.

NOVOS PADRÕES DE SUPERVISÃO ESCOLAR — Sergiovani — Starrat — 340 págs. Cr\$ 290,00.

Tem como objetivo principal a humanização da educação. Livro composto em duas partes, na primeira, preocupada com a supervisão da escola humana, e a segunda, com a supervisão do currículo humano. Descreve modelos de supervisão e de desenvolvimento de currículo que atualmente não predominam em nossas escolas, mas que existem em algumas delas, objetivando que eles formem um novo padrão de supervisão para as próximas décadas.

PERSONALIDADE — teoria, avaliação e pesquisa — Pervin — 632 págs. — Cr\$ 550,00.

Relata as experiências de um indivíduo como professor e aluno de um curso sobre personalidade. Livro de pesquisa que objetiva levar o estudante a uma crescente admiração dessa complexidade do comportamento humano, e pelas tentativas disciplinadas que podem ser necessárias a fim de que se mantenha o controle sobre a mesma.

CLICHERES

Imagem

**rapidez, qualidade e
precisão em seus serviços.****Fotolitos, Clichês,
Desenhos, Composições,
e Fotocomposições.**Rua Arvin, Schuster 100, sala 10, 88.101
Fone: (047) 32-2894
Baurerian, SC

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
MOACYR FÉLIX — INVENÇÃO DE CRENÇA E DESCRENÇA — 211 págs. Cr\$ 100,00.

Este livro é uma seleção de poemas antigos e outros novíssimos, que servem como um marco da nova fase de intensa produção literária e editorial em que o poeta Moacyr Félix se encontra desde o recente duplo lançamento de *Canção do Exílio* aqui e neste lençol, trabalhos em que ele re-espaldou no mundo literário brasileiro com a força filosófica e a garra lírica que sempre caracterizam sua poesia.

EDYLA MANGABEIRA UNGER — O SERTÃO DO VELHO CHICO — 123 págs. Cr\$ 99,00.

No dizer de Alceu Amoroso Lima, estas impressões sertanejas são fruto de uma vivência e de uma visão, tanto do ponto de vista social como do ponto de vista literário, de valor excepcional.

ANATOLE FRANCE — O MANEQUIM DE VIME — 146 págs. Cr\$ 89,00.

Impressionante quarteto romanesco, em que se vê, plasmado à moda de Balzac, a vida burguesa da França, na virada do século.

ROSAMUNDO MORRIS (responsável pela seleção e organização) — 216 págs. Cr\$ 89,00.

Esta é uma coleção destinada ao mais alto entretenimento do leitor, sem descuidar do aspecto cultural de seu conteúdo. Dividida em quatro volumes, nela se encontram alguns dos melhores contos dos gêneros AVENTURA SURPRESA, SUSPENSE E HORROR.

GLOBAL EDITORA

LEON TROTSKY — COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO — 112 págs.

Neste livro, Trotsky consegue nos transmitir em certos momentos a pulsação dos instantes mais decisivos e dramáticos da Revolução de Outubro. O seu relato é de particular importância pela síntese desses memoráveis dias, pela clareza e objetividade na exposição dos métodos, organização e estratégia utilizados pelos bolchevíques nessa luta vitoriosa.

ALEXANDRA KOLLONTAL — A NOVA MULHER E A NOVA MORAL SEXUAL — 144 págs.

Neste livro a autora levanta problemas e sugere soluções. Ela vê o dilema da maternidade e o trabalho da mulher, a prostituição, suas causas e consequências nefastas, a educação da mulher voltada unicamente para o plano sentimental, a opção das uniões livres para a planejada instituição do casamento indissolúvel, a liberdade sexual e o respeito à individualidade e a nova mulher versus a mulher antiga submissa e passiva diante do mundo.

GLOBAL/VERSUS

EDUARDO GALEANO — "CHE" E OUTRAS HISTÓRIAS. — 184 págs.

Este é um livro de reportagens. São histórias reais, de homens como eu e você. Mas tipos que estão vivendo situações limites: garimpeiros, favelados, guerrilheiros e torturadores. Neste livro, as palavras não embalam o sono dos preguiçosos: não ajudam a fechar os olhos de quem quer ver. As palavras — elas mesmas — são guerreiras. E é assim que deve ser.

EDITORA VOZES

ENERGIA TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO — A questão Nuclear — 174 págs.

Livro que traz as matérias levadas em debate por ocasião do Simpósio Nacional de energia realizado no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, 24 e 25 de outubro de 1977.

Diferentes conferencistas expõem, em amplas conferências, a questão com que se defronta o Brasil nesse final dos anos setenta. Livro de diversos autores.

A IDEOLOGIA DOS INDUSTRIAIS BRASILEIROS — 1919-1945 — 187 págs.

Esse livro aborda vários aspectos, que se interligam: a atuação dos industriais na luta pelos seus problemas cotidianos, o esforço para a afirmação do seu pensamento teórico, a idéia da implantação de novas atividades produtivas, o distanciamento entre as classes operárias e industriais. O assunto é parte integrante da história brasileira. Livro de Marisa Saenz Leme.

EDITORA QUIRON

MOENDA LUNÁRIA — Fúlvia Carvalho Lopes — 63 páginas.

Livro de poesia que integra a coleção *Sélecis da Quiron*. "Voz absolutamente original na poesia contemporânea brasileira". Segundo Nelly N. Coelho. Livro de poesia moderna de uma autora desconhecida para a maioria do público, mas com uma linguagem forte, ou melhor, com o reinvento da linguagem com outro vigor.

BRASILIA ENCANTO OU DESENCANTO? — Maria José Gavião Batella — 59 págs.

Livro de memórias. Coroa os dezoito anos de trabalho na educação de uma funcionária dedicada a educação. Também alguns fatos que marcaram a presença nesse tempo em Brasília, de uma família que foi pioneira naquelas paragens.

EDITORA PAZ E TERRA

IDEOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO — Brasil JK — JQ — Miriam Limoeira Cardoso — Cr\$ 160,00 — 460 páginas.

Livro em sua segunda edição. Constitui um trabalho exemplar de investigação sociológica e crítica. Originalmente apresentado como tese de doutoramento à Universidade de São Paulo, o livro procura, baseado em discursos de dois presidentes eleitos, que encarnavam, cada um à sua maneira, as ideologias de que se faziam portavozes obrigatórios Juscelino Kubitschek e Janio Quadros. É uma contribuição importante para o entendimento do: "desenvolvimento com estabilidade" e da "Revolução para o desenvolvimento".

EDITORA MAX LIMONAD LTDA.

INICIAÇÃO AO DIREITO FALENCIAL — Rubens Aguiar Magalhães — 375 páginas.

As falências e as concordatas constituem matérias importantes para o pessoal que está cursando direito. Sobre esses dois institutos, de significativa importância no mundo mercantil, os quais, unidos, compõem o Direito Falencial ou Direito Falimentar (expressões de indistinto uso), esse livro é de grande valia.

EDITORA FORENSE

AÇÃO DISCRIMINATÓRIA — Jacy de Assis — 368 págs.

Livro que preenche uma lacuna no direito brasileiro. Trata sobre um tema que, segundo o autor, é rico em sutilezas e apresenta variados aspectos doutrinários: o procedimento edital.

CONHECIMENTO & POLÍTICA — ROBERTO MANGABEIRA UNGER — 412 págs.

Ensaio que cuida de um objetivo em relação a um pensamento e a uma sociedade que não existe (e talvez não venha a existir). Por isso o trabalho é um esboço e não uma expressão definitiva de uma doutrina. Procura servir à compreensão do contexto de idéias e sentimentos dentro do qual a filosofia e a política se devem, agora, praticar.

EXECUÇÃO FISCAL E EMBARGOS DO DEVEDOR — Ronaldo Cunha Campos — 302 págs.

Trata-se de uma obra indispensável a todos quantos lidam nas atividades forenses, especialmente aos advogados de empresas e magistrados, bem como àqueles que atuam na formação do título executivo e na área fiscal.